

L.369242.

SERRA-MÃI

POEMAS

DE

SEBASTIÃO DA GAMA



PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

16.
36924A

SERRA-MÃI



DEP. LEG.

L. 36924 P.

SERRA-MÃI

POEMAS

DE

R. 166523

SEBASTIÃO DA GAMA



DEZEMBRO

1 9 4 5

À memória de meu tio
Alexandre Cardoso

Oh Serra das Estrêlas tão vizinha :

Quem nunca de ti, Serra, se apartara . . .

FREI AGOSTINHO

A corda tensa que eu sou,
o Senhor Deus é quem
a faz vibrar...

Ai linda longa melodia imensa!...
— Por mim os dedos passa Deus e então
já sou apenas Som e não
se sabe mais da corda tensa...

Serra-Mãe

H A R P A

Olha, Senhor!,
o indigno cantor que Tu fadaste
e se não pode erguer
à sua própria altura!...

— Virgem das minhas mãos, a Harpa acende
novos brilhos no Sol, traduz em côr
a saudade dos sons que não desprende...
Tu a fizeste, Deus!, para os meus dedos;
a glória do Teu gesto criador
Tu a quiseste partilhar
na glória quási igual de o entender.

E foi com Teu amor que retesaste as cordas,
com Teu amor as afinaste
e me chamaste
à tarefa sublime de tangê-las.

E eu sinto o Frémido, Senhor!
Sinto o sôpro que Tu me inoculaste
ao dar-me a Tua bênção.
Dentro de mim é Som; o eco longo
de uma nota sem fim e sem começo.

Mas só cá dentro o Frémido ressoa...
Que não consegue a minha mão,
que o lódo fêz e o lódo maculou,
passar à Harpa a Grande Vibração.

— Vem lavar-me, Senhor!, no azul do Mar.
Filtra a minha impureza na limpidez do Teu olhar,
a luz clara que entornas pelos montes da minha Serra verde...
Deixa outro cantar meu próprio Canto,
e seja eu sòmente, assim purificado
e liberto do corpo, enfim, mais uma corda
na Harpa que me tinhas destinado.

Ai o cantor indigno que fadaste!...
Ai que a Grande Vibração,
se o não redimes,
estéril morrerá...

— Que eu seja apenas Som que um outro cante
e, na renúncia de mim,
igual a mim um dia me alevante!...

VERSOS AO MAR

Ai!,
o berço da tua voz,
e esse jeito de mão que tens nas ondas,
Mar!

Quando eu cair exausto
sôbre as conchas da praia e fique ali
doente e sem ninguém,
hás-de ser tu quem me trate,
quero que sejas tu a minha Mãe.

Há-de embalar-me a tua voz de berço,
pra que a febre me deixe sossegar;
e há-de passar, ó Mar!,
pelo meu corpo em chaga,
as tuas mãos piedosas comovidas,
pra que sintas por mim as minhas dôres
e eu sinta só o bálsamo nas feridas.

Como se fôsses tu a minha Mãe...
Como se fôsses tu a minha Noiva...

E hás-de contar-me histórias velhas
de Marinheiros...
Histórias de Sereias e de Luas
que se perderam por ti...
E se a Morte vier há-de quedar,
tôda encantada, a ouvir-te,
e, sem ânimo já de me levar,
sorrindo, voltará por seu caminho
(não na sentimos vir, nem ir, tão de mansinho
se passou tudo, Mar!),
voltará de mansinho,
pé ante pé, pra não nos perturbar,

mas saudosa da tua voz de berço....

SERRA - MÃI

O agoiro do bufo, nos penhascos,
foi o sinal da Paz,
O Silêncio baixou do Céu,
mèscloou as côres tôdas o negrume,
o folhado calou o seu perfume,
e a Serra adormeceu.

Depois, apenas uma linha escura
e a nódoa branca de uma fonte amiga;
a fazer-me sedento, de a ouvir,
a água, num murmúrio de cantiga,
ajuda a Serra a dormir.

O murmúrio é a alma de um Poeta que se finou
e anda agora à procura, pela Serra,
da verdade dos sonhos que na Terra
nunca alcançou.

folhado: Flôr da Serra.

E outros murmúrios de água escuto, mais além :
os Poetas embalam sua Mãi,
que um dia os embalou.

Na noite calma,
a poesia da Serra adormecida
vem recolher-se em mim.
E o combate magnífico da Cór,
que eu vi de dia ;
e o casamento do cheiro a maresia
com o perfume agreste do alecrim ;
e os gritos mudos das rochas sequiosas que o Sol castiga
— passam a dar-se em mim.

E todo eu me alevanto e todo eu ardo.
Chego a julgar a Arrábida por Mãi,
quando não serei mais que seu bastardo.

A minha alma sente-se beijada
pela poalha da hora do Sol-pôr ;
sente-se a vida das seivas e a alegria
que faz cantar as aves na quebrada ;
e a solidão augusta que me fala
pela mata cerrada,
aonde o ar no peito se me cala,
desceu da Serra e concentrou-se em mim.

E eu pressinto que a Noite, nesse instante,
se vai ajoelhar . . .

.
.
.

Ai não te cales, água murmurante!
Ai não te cales, voz do Poeta errante!,

— se não a Serra pode despertar,

V I D A

Hoje, cá dentro, houve festa...

Alcatifei-me de veludo azul,
fiz pintar a Ternura os meus salões,
e pus cortinas de tule...

Mas não chamei grandes orquestras
nem um clarim, a proclamá-la:
mandei tocar, em mim,
uma música assim de procissão
que levou os meus sentidos
a nem sequer se sentirem,
de embevecidos...

Hoje, cá dentro, houve festa...
E, se houve festa e veludos,
e música azul, e tudo
quanto digo,
foi sòmente porque a Graça
desceu' hoje a visitar-me.

E eu, que vivo de Infinito
as raras vezes que vivo ;
eu, que me sinto cativo
no pouco espaço que habito,
onde a presença de dois,
por ser demais, me embaraça,
deixei logo o meu lugar,
para dar lugar à Graça.

Não tinha pés: tinha passos ;
não tinha bôca: era beijos ;
não tinha voz: era como
se o folhado e a maresia
se tivessem combinado
pra cantar «Avé Maria...»

Foi então que vivi ; então que vi
os poucos metros que vão
da minha Serra às Estrélas :
é que eu, sendo tão pequeno
que nem às vezes me encontro,
andava ali a pairar,
e o meu fim estava nelas
e o meu princípio no Mar.

A Graça, cá dentro, era
a varinha de condão
que me guiava no Ar.

E que bem me conduzia !
Parecia que eu sentia
as mesmas ânsias e a alegria
da Noite quando, no ventre,
já sente os gritos do Dia.

E eu me vi (que não sei bem
se era eu ou se era a Graça
quem p'los meus olhos olhava) ;
e eu me vi, que me tornava
em tons de rosa esmaiada
— barra da saia da Tarde
que ainda bem não morreu
e já de si tem saudades ;
e fui murmúrio do Mar
que reza o que eu lhe ensinei ;
e fui perfume exalado
dos matos da minha Serra
— perfume que, modelado
às formas que tens, sem tê-las,
mostrou teu corpo perfeito ;
êsse perfume que eu era
desenhava-te o perfil ;
por olhos, tinhas Estrélas ;
meu carinho de pensar-te
era a curva do teu peito.

E a minha varinha maga
do perfume fez um grito

da Serra, ébria de si ;
e eu, nesse grito, subi,
bati às portas do Céu,
mas era cedo demais
e caí.

... Para pairar, em poalha
que não é de ouro, mas sim
a palavra com que Deus
fechou-me as portas do Céu ;
beijo a minha criação
quando beijo a minha Serra ;
sou passageira de mim
e nego, na Luz que sou,
que seja feito de terra.

Ai quem me dera morrer !
Liberto do que não sou,
viver a única vida
pra que Deus me destinou !

Dá-me a vida que me mate, Senhor !
Fica-me dentro pra sempre,
a guiar-me pelo Além !

E tu perdôa, se eu morro,
que é p'ra nascer, minha Mãe !

C É U

Tenho uma sêde imensa,
mas não é de água...

Tenho uma sêde imensa de beber
os soluços do Sol quando declina,
as carícias azuis do Luar de Agosto,
os tons rosa da Tarde que se fina...

É que eu seria Poeta, se os bebesse...
Não mais seria o cego de olhos limpos;
êsse que viu a água e a não tocou,
pelo estranho pudor da sua bôca
que um dia blasfemou.

E, se eu pudesse beber
êsses longes de mim que vejo e quero,
em espasmos havia de os mudar
e, num desejo nunca satisfeito,
iria possuir-te, ó Mar!

Havia de cair, num beijo, sôbre ti ;
despir as minhas vestes de serrano,
tirar de mim aquilo que é humano,
e confundir-me em ti.

Gritem depois, embora, que eu morri ;
alegre o Mundo o alívio do meu pêso ;
— que um dia o Sol há-de surgir mais cedo
e o bom menino de olhos azuis,
de quem sou fraco arremêdo,
há-de nascer, ó Mar, da nossa noite de Amor !

E tu, Menina que eu chamava,
Menina que eu chamava e encontrei
mas abrasada no amor divino
— tu hás-de ver então que o Céu que idealizas
é o olhar azul dêsse menino.

ORAÇÃO DA TARDE

Ao crepúsculo, a Serra é catedral
onde o órgão-Silêncio salmodia.
A própria Luz ergueu «Avé-Maria»
e o Mar tomou as côres de um vitral.

Tudo sente o Senhor e se extasia...
O Sol queimou os matos, pelo val',
e desprendeu incenso. Espiritual,
é mãos-postas a rude penedia.

E eu também quero ser da Oração...
— Com folhados na alma, pus a mão
na minha harpa e a música ascendeu.

.
.

Ai a minha alegria-de-menino,
quando, por só, então, se ouvir no Céu,
ajoelhado, deixei de ouvir meu hino!...

ELEGIA PARA A MINHA
CAMPA

Agora, só,
que é o meu corpo terra confundida
na terra desta Serra minha Mãe;
agora, só,
a minha voz que sempre cantou mal
ao Céu se eleva...

Agora, só,
que no ventre da Serra minha Mãe repousa
meu corpo de Poeta,
de Poeta mudo em vida, por ausente
do ventre maternal os nove meses;
agora, só, claríssima se eleva
a minha voz-louvor,
a minha voz-carícia a minha Mãe,
ao Céu...

Agora, só,
que os meus lábios são terra de onde nascem
as moitas de folhado e de alecrim,
a minha voz saudosa de cantar
se elevará
até aonde o Céu tem côr e fim.
Se elevará a minha voz, perfume
desprendido, suavíssimo, dos matos
que surgiram de mim...

Agora, só,
que sou terra na terra misturada,
que a minha voz é voz de rosmaninho,
eu poderei tratar por tu
a meu Irmão Frei Agostinho...
Agora, só, a meu Irmão,
que comigo nasceu naquele Dia
em que ao Céu se entregou,
ébria de Sol e Maresia,
nossa Mãe Serra...

VERSOS PARA EU DIZER DE JOELHOS

(«...Daqui, donde mais livre se caminha».

Frei Agostinho)

Ó meu país do Sol!
Pressentimento
da claridade celeste!
Ó fonte da Pureza!
Ó minha
Serra tôda pintada de Esperança
e debruada de azul!
Reveladora maga
dos meus cinco sentidos, criadora
de aqueles que eu não tinha e tenho agora!
Ó minha outra Mãe,
que, num leito de flôres e sorrisos,
me deste à luz de sêda das Estrêlas!
(Tuas carícias, Mãe!,
são os sonos que durmo, deslumbrados

e mansos, como dormidos
por meninos pequenos.)
Ó Serra aonde a côr
é luz extasiada! ;
aonde a Primavera, quando chega,
já se encontra a si própria a esperar-se
Ó minha amante sempre virgem
e sempre desejosa do meu corpo!
O palavra de Deus a exprimir-se
pelas bôcas ingénuas das estevas!
Minha pomba da Paz!
Ó tôda perfumada
do corpo de Agostinho!
Ó sorriso do Mar!, ó búzio longo
que prolongas a grande voz salgada!
Ó bordão
dos que já vinham cansados!
Nossa Senhora
dêsses a quem o Mundo deixou vincos
na alma!
Donzelinha saudosa que não sabe
se tem saudades do Céu,
se as tem de si!
Ó Serra aonde as noites
são camisas puríssimas de Noiva
e os crepúsculos são primeiros-beijos!
Pátria do mês de Maio!
Madrugada
do Dia que há-de vir p'la mão da Morte!

— Eu não quero cantar-te, minha Amante,
minha Mãi, minha Irmã, minha Senhora :
eu só quero entender-te tôda a vida
como te entendo, Serra !, nesta hora.

VERSOS DA MENINA MORTA

Apontamentos

Esta é a minha vida...
E não se vê de longe,
E não se pode ver,
E não se pode tocar,
E não se pode sentir,
E não se pode amar...

Por que não se vê de longe,
Por que não se pode ver,
Por que não se pode tocar,
Por que não se pode sentir,
Por que não se pode amar...

Por que não se vê de longe,
Por que não se pode ver,
Por que não se pode tocar,
Por que não se pode sentir,
Por que não se pode amar...

Por que não se vê de longe, e não se pode ver, e não se pode tocar, e não se pode sentir, e não se pode amar...

VERSOS DA MENINA MORTA

Entre as flores, sorri...
Já não as vê, as flores,
já não as pode colher,
já não as sente, sequer,
a cobrirem o seu vestido branco,
mas sorri...

Não era a Mãi, não era...
Aquêles passos leves, leves,
aquelas mãos suavíssimas poisadas
na testa da Menina,
eram da Morte, eram da Morte...

Não era a Mãi, não era...
(«Ai dorme... dorme...»)
Não era a Mãi, não era...
Mas a Menina doente, que não via
nem ouvia
senão p'lo coração,
julgou que fôsse a Mãi que entrava assim de manso

no seu quartinho branco...
E a Menina sorriu...

(Eram da Morte os passos...
Eram da Morte, eram da Morte, as mãos
que lhe poisavam, meigas, sôbre a testa...
«Ai dorme... dorme...»)

E a Menina, sorrindo, adormeceu...

Dorme, sorrindo, entre açucenas
que sorriem também
e vão também adormecer sorrindo...

P A S M O

Nessas noites de morna calma
em que o Mar se não mexe e o Arvoredo
não murmura, pedindo o Sol mais cedo,
que o resgarde da fria Ventania;

em que a Lua boceja, se embacia,
e as palavras estagnam, no ar quêdo,
noites pôdres — até chego a ter mêdo
de me volver também Monotonia.

E então sinto vontade de atirar
meu corpo bruto e nu contra o espanto
da Noite, a ver se o quebro e vibro, enfim;

cair no lago morto e acordar
os cisnes que adormecem de quebranto...

.
Mas só caio, afinal, dentro de mim.

ROMÂNTICO

Olha,
quando vieres, Morte!,
não venhas sorrateira.
Quero sentir-te bem;
levar bem nítido, nos lábios,
o travo do teu beijo...

Chorem os outros, Morte!, a dolorida
minha hora final.

P'ra mim, que bom saber até ao fim
a que é que sabe a Vida!...

AS SERPENTES

Olha a Noite a descer
sem se lembrar de ter dó
dos meninos medrosos do Papão
de grandes unhas e dentes...

...nem de mim, que sou Poeta
e é de noite
que me mordem as serpentes...

«AVÉ, MANHÃ...»

A Manhã de hoje, branda,
parece Nossa Senhora...

Cantem-lhe os outros verso bem rimado...
— Eu, cá por mim, humilde, mais não sei
que continuar aqui ajoelhado...

○ Sol já se escondeu...
Precisamente quando,
feliz,
eu desatei a cantar.
(Só por feliz eu cantei).

Agora quero acabar,
que já me dói a garganta,
mas vou ainda cantando,
temendo
dar por mim de novo triste
assim que esteja calado.
(...Como se a minha Alegria
nascesse de eu ter cantado.)

POEMA DA MINHA ESPERANÇA

Que bom ter o relógio adiantado!...
Agente assim, por saber
que tem sempre tempo a mais,
não se rala nem se apressa.

O meu sorriso de troça,
Amigos!,
quando vejo o meu relógio
com três quartos de hora a mais!...

Tic-tac... Tic-tac...
(Lá pensa êle
que é já o fim dos meus dias.)

Tic-tac...
(Como eu rio, cá p'ra dentro,
de esta coisa divertida:
êle a julgar que é já o resto
e eu saber que tenho sempre mais
três quartos de hora de vida.)

NEVOEIRO

Há nevoeiro nos pinhais...
Pèrfidamente, sorrateiro,
cresce, recresce o nevoeiro...

Mas os pinheiros não sabem mais
se aquela branca longa mão fina
é p'ra afogá-los, se é uma carícia.

Subtil, manhoso, todo malícia,
sobe o nevoeiro...

São quási imersos os pinheirais.
Mas os pinheiros não sabem mais
se hão-de gritar, se hão-de beijar
aquela fina branca mão longa
que os estrangula...

A FONTE SÊCA

A fonte está sequinha
e a gente chora de vê-la...

É melhor o rebanho não passar,
Que trilhe matos e matos
à procura de fonte aonde beba.

É melhor o rebanho não passar
pela fonte sequinha...
Morra prai' ao pé de qualquer moita,
sem ter encontrado água
mas ainda com fé de a encontrar.

ASTROMANIA

Contei os Astros a dedo...

Agora, que estou no fim,
tenho medo
de ter errado na conta.

...De enganar-me em 1, por ter
contado também a mim.

APONTAMENTO

É tão bom
sentir a ventania lá por fora
e a calma cá por dentro!...

Ou o contrário disto :
vento e raiva cá por dentro, e, lá por fora, uma calma
que mais parece um gesto ou um olhar
de Cristo...

Ou, então,
chegar a esta confusão
de não saber se o vento é lá por fora
se é cá por dentro...

Jesus

THE HISTORY OF THE

RESSURREIÇÃO

Senhor !

Eu bem Te vejo, apesar
da escuridão !

Inda me não tocou a Tua Mão,
mas bem na sinto, bem na sinto em meus cabelos,
numa carícia igual a um perfume ou um perdão.

Senhor †

Eu bem Te vejo, apesar
da escuridão !

Que já se abriram cinco

(ou são cinqüenta?...)

ou são quinhentas?...))

Estrelinhás azuis no Céu azul

— as Tuas cinco, ou não sei quantas, feridas
lavadas pelas águas lá de Cima.

Vejo-Te ainda incerto e vago
como um desenho sumido,

mas esta é, Jesus, a última das noites.

Há já três
(não Te lembras, Senhor, das bofetadas
e dos cravos nos pés ?...)
que Te pregaram numa cruz
e que morreste.

Até logo, Senhor !
(Deixa ser longa a Noite e o Logo longo,
que é de noite que eu seco os meus espinhos
e cavo, na minh' alma, o Teu jardim.
Rompa tarde a Manhã de ao fim
da Tua-minha Noite derradeira.

— Não quero é que Te rasgues novamente,
quando, no terceiro Dia longe-perto,
misericordiosamente,
ressuscitares em mim.)

EM QUE SE FALA DO MENINO JESUS

Fiz a maldade e olhei Jesus.
Êle baixou os olhos e còrou,
e tôda a gente julgou
que quem fez a maldade foi Jesus.

E todos Lhe perdoaram...

— Obrigado, Menino ! Mas agora
tira os olhos do bibe e vem brincar,
que eu prometo pra não Te ver còrar,
já não fazer das minhas.
Anda jogar ao pé das flores, no chão,
comigo, às cinco pedrinhas... ;
anda jogar, pra esqueceres
o preço do meu perdão...

A UM CRUCIFIXO

1

Abençoada a morte que sofreste. . .

Mil vezes santo, Jesus,
o pêso da Tua cruz
e santa a esponja de fel
que Te chegaram aos lábios . . .
E os pregos que Te pregaram
as carnes . . .
Ah !, que eu bendiga todos os insultos,
tôdas as troças e tôdas
as pedradas . . .

Como saber de Deus e amá-Lo, sem ter visto
êsse olhar de piedade e de perdão
por tudo que Te fizeram ?

Em que sítio, em que tempo,
tive eu assim um Irmão
que olhava assim como Tu ?

Mas em que longe, em que tão longe dia,
que, se não fósse agora o Teu olhar
a despertar
minha memória adormecida,
nunca mais me lembraria
de que tivera um Irmão ?

— Abençoada a vida,
abençoada a morte que sofreste . . .

ORAÇÃO DE TÔDAS AS HORAS

Agora,
que eu já não sei andar nas trevas,
não me roubes a Tua Mão, Senhor,
por piedade!
Voltar às trevas não sei,
e sem a Tua Mão não poderei
dar um só passo em tanta Claridade.

P'las Tuas feridas minhas, p'las tristezas
de Tua Mãe, Jesus,
não me deixes, no meio desta Luz,
de pernas présas...

Não me deixes ficar
com o Caminho todo iluminado
e eu parado e tão cansado
como se fôsse a andar...

Presença

PRESENÇA

Ó Voz,

que me suspendes todo como à beira
de um menino que dorme,
ó, infinita em Deus, finita em mim, minha Chamada,
por que te não detens ao menos o bastante
pra te eu caldear no meu assentimento
até seres Resposta ? . . .

Por que te não detens, ó Voz, ó meu Prazer,
flagício por que choro, e beijo a terra, e amo . . .

. . . por que te não detens até eu não saber
se respondo ou se chamo ? . . .

NÓS

Quem não quiere vir, que não venha,
que o dó me faz perdoar
e persistir na Campanha.
Talvez,
quando eu já fôr percebido,
se arrependam,
e a troça então se lhes mude
num sorriso constrangido.

Não venham, que eu vou por eles
e gritam por minha bôca
suas bôcas,
fechadas, ou por vergonha,
ou por orgulho, ou por falta
de aquela fé que me arrasta.

Descansem !: . .
Se eu lá chegar, faz de conta
que quem chegou foram eles;

e faço da multidão
a capa para os meus ombros ;
e Deus, que não me distingue
(eu com todos me pareço),
pra não deixar-me sem prémio
há-de dar a cada qual
o prémio que eu só mereço.

Se eu lá chegar, . . .
Mas eu chego ! . . .
Nem que de aqui a três passos
se me cansassem os braços
e as pernas se me partissem
e a vida se me acabasse,
ali, na terra, caído,
já eu teria chegado :
tanto vale minha Esperança,
que o Céu começa onde quer
que eu solte a última voz ;
e a Mão que as feridas me afague,
no gesto de as afagar,
deixou as portas do Céu
abertas de par em par.

Onde eu morrer, já cheguei.
As portas hão-de se abrir,
por prémio que Deus me deu.
E eu vou entrar, arrastado

por todos vós, meus Irmãos,
tão convôsko embaralhado
que ao ver-me dentro do Céu
não posso já precisar
qual de nós é que sou eu.

ACEITAÇÃO

Aqueles dons, merecidos ou não, vinham do Céu.
Por isso os aceitei...

E não pedi, sobre êsses dons, nem peço,
qualquer explicação.

E só por isso
merecidos ou não já os mereço.

ETERNIDADE

Ai ó presenças de Mim,
tão raras e tão distantes!
Ai minhas longas ausências,
durante as quais só sou isto:
um homenzinho terreno,
tão comedido e pequeno
que até duvido se Existo.

Mas, sempre que se despede
o que eu sou de o que eu não sou,
me deixa nas mãos, marcadas,
ígneas profundas dedadas.
Por isso sei que é Verdade
e, se a descrença me toca,
beijo as dedadas nas mãos
até me arder tôda a bôca.

Ai meu Amor, que juraste
ser só do Outro que encubro,
e tão alto te escondeste

que só nas visitas d'Êste,
p'los seus olhos, te descubro !
— Êsses momentos de Mim,
tão raros e tão distantes,
êsses momentos-diamantes,
é minha Glória e meu Fim,
a que não posso escapar,
uni-los em um colar
para o teu colo de garça.

Minhas mãos e tuas mãos,
que se fogem
dês que a Carne me prendeu,
quando o colar fôr completo
serão fecho do colar...

...na nossa Noite, Amor!, cortada
de tanta Luz, tanta Estréla,
que inda Deus não acendeu
os Astros todos pra Ela.

BRINCADEIRA

Ando a correr atrás do Outro,
como fazem
dois meninos brincando num jardim...

...até me achar, de repente,
sem saber como, o Outro lá da frente,
que vai fugindo de mim.

O MESSIAS

... **M**uito pior, muito pior,
é eu gritar, berrar, enrouquecer,
no Caminho por onde vou comigo,
e não ouvir, às vezes, uma só
dessas palavras de Verdade
que me digo...

É eu levar meus sonhos e meus passos
pelos caminhos dêles, lindos mas fingidos,
por culpa de meus ouvidos,
não de mim, que me ensinaram
a dar passos bem medidos
por caminhos não trilhados...

Assim,
lá grito, e berro, e barafusto, rouco,
e sem salvar nenhum dos outros
nem me salvar a mim...

O IMPOSTOR

Lá porque eu tinha os loiros na cabeça
(os loiros que Êle deixara
cair ao chão de onde sou),
deram-me abraços, na praça,
chamaram-me Poeta
e até fizeram discursos...

Êle, do Alto, sorriu
e riu
daquela tragi-comédia,
dos meus ares de arlequim.

Mas consegui fugir ao seu olhar...

Por fim,
acreditava, tanto como os outros,
que as palmas eram pra mim.

DIVERTIMENTO

Não me acuseis de eu anuir convôsko,
de me esquecer do Outro,
de me esquecer de aquilo pra que vim...;

pois, quando isso acontece, é Êle
que se esquece de mim...

REMOÍNH

Enrodilhei-me no Vento...
Vou e venho,
vou e venho,
e o Vento sempre a rolar-me,
e agora quero agarrar-me,
lanço a mão a procurar-me,
e é só o Vento que apanho...

INQUIETAÇÃO

Por que será que eu ando ainda,
que eu ando sempre à procura
de aquela Estrêla
que já tão bem alcancei
que a trago diluída no meu sangue?...

A GENTE OS DOIS

Quem faz os versos é Êle...
O que se não incomodou
em perguntar se o livro ficou lá
na livraria
sem ninguém o ir comprar

Eu sou sòmente um qualquer
que, se tem dinheiro, compra
os livros que o Outro escreve,
pra lê-los nos intervalos
do bafio dos estudos.
Um que, já farto de ler
sem perceber,
deita o livro pela porta
e diz, estúpido e baço :
« Ai meus ricos dez escudos !... »

.....

Mas o Outro não se importa.

PERFEIÇÃO

Quando Me vi perfeito,
beijei-Me,
agradecido e comovido...

Ora o tal beijo acordou-me,
gritou alto p'lo meu nome,
a mostrar que eu era ainda
o mesmo
pobre Zé de Carne e Vício.

Como se fôsse possível
estar-Lhe eu presente a Êle,
a Êle, o ponto final
da linha recta de Mim!...

...Tão verdadeiro e perfeito,
tão sentindo-Se o direito
de ser...,
e de não ter princípio nem ter fim,
que Se não pode lembrar
de perguntar
se foi tôda a vida assim...

VONTADE

Senhor !

Se não gostas que eu grite e que eu proteste
pedindo-Te a minha fôrça,
que levaste,
dá-ma.

Depois,

se assim achares por bem,
manda que eu feche os lábios de Poeta,
faz da Tua vontade as cordas que me prendam
os braços e as pernas,
e deixa-me ficar ali atado,
e deixa-me ficar ali, calado,
ali, surdo
àquela voz que vem do fim de mim
e se parece tanto com a Tua.

Ali, prêso,
a sentir-me maior do que ninguém,
nessa alegria certa de saber
que só não rompo as cordas e a mordação
porque não quero

e Tu não queres também.

CAMINHO

Minhas carnes, gulosas de martírio,
os golpes do meu Anjo as retalharam ;
duas feridas ignóbeis se escancaram
onde o Anjo cevou o seu Delírio.

Mas são mais perfumadas do que um lírio...
E os meus lábios sedentos as sugaram
e elas e o seu sangue já me aclaram
a voz, que a Deus se eleva como um círio.

Ora o sangue esgotou-se e a voz morreu.
Pobres golpes a medo!...

— Vá! Tornar
meu corpo, ó Anjo!, em chaga de onde, quente,

jorre o meu sangue em rio para o Céu!
Quero é nêle beber 'té me afogar,
e arrastar-me, afogado, na corrente.

VERSOS QUÁSI TRISTES

Trago no sangue o mistério
daquele resto de estrada
que não andei...

E era talvez ali
que eu ia ser feliz ;
ali
que viriam as Fadas pra contar-me
os contos lindos de Princesas
e de Palácios
e de Florestas
que ficaram por contar ;
ali que havia de abrir-se
o tal jardim
com flores que nunca morrem
ou, se morrem, há-de ser
na pujança da frescura,
por medo de envelhecer...

Mas não passei além daquela curva...
O meu alento
já dobrou o joelho e desistiu.
E eu sei tão bem que há Glória que me chama
e que tudo que digo aqui, ou faço,
é só arremedar, adivinhar,
o que, pra lá da curva que não passo,
havia de fazer ou de dizer!
E eu sei tão bem
que sem tomar nas mãos a Glória apetecida
me não contento!...

— Por que é que tu és só pressentimento,
minha Vida?

REBENTAÇÃO

Quem tiver dó de mim,
não mo diga mas venha e tenha dó.
Talvez então me sinta menos só
e me esqueça de mim...

Ah!, se eu pudesse esquecer-me!...
Se eu fôsse com êles todos
como se fôsse comigo,
tivesse gestos iguais,
dissesse, não o que digo,
mas só palavras banais
como as déles...

...e achasse estas coisas tôdas
coisas muito naturais!

Mas não me esqueço, nem mesmo
sou homem que se resigne.

— O que já veio, que volte !
Por que ensinou os meus olhos
a viver em Claridade?
Deixasse-os lá entre escolhos
e trevas por que não davam!...
Porém agora, que O vi,
que já fui d'Êle, a Saudade
não é coisa que me baste.
E eu quero tê-Lo de novo.
Quero dar meu corpo virgem
(que, desde que Êle o beijou,
é virgem que o sinto ser),
eu quero dá-lo a Seus braços
como se o meu corpo fôsse
um corpo nu de mulher.

Quero que Êle venha ser-me.
Venha cumprir as promessas
que Êle fez por minha bôca.
Ou então não nas fizesse.
Que, se O eu nunca soubesse,
afeito a isto, de início,
talvez agora tivesse
a Vida por bom ofício.

Porque eu não sou (ai !, não sou)
de conformar-me e amoldar-me.
Se grito, tenho razão.

E, se protesto, é que não
encontro de que acusar-me.

Se havia
de Se me roubar depois,
por que motivo Se deu?
Acaso não lhe pus eu
a minha vida nas mãos?
Não beijei as minhas feridas
só porque as Êle rasgara?
Não deixei de ser pequeno,
de em tudo ser limitado
(sabe lá Deus com que dôres!...)
só para andar a Seu lado?

E foi-Se, e nem um sinal...
(Deixou-me glórias passadas
que não podem contentar-me.
E deixou-me esta revolta
a dizer que O não esqueço,
a ser a maior das provas
de que afinal O mereço.)

— Ai tem dó de mim, Senhor!
Se não é voz a revolta,
eu também sei humilhar-me
e sei pedir-Te perdão.
Deixa-me ser o Teu cão

(que é subir, descer por Ti)
se a mais não devo elevar-me,
mas aparece, mas vem...
Ou então, se me fugiste
por ascender,
meu Senhor, a Teu Lugar,
ilumina o meu olhar
e que seja a minha glória,
já que outra não pode ser,
ter olhos para Te ver,
gozá-la, como espelhando-a,
Tua Glória,
e que me iluda e que julgue
(de tanto, num santo enlévo,
minh'alma aos Astros erguida)
que a Tua Glória, que eu olho,
é minha Vida cumprida.

Que ao menos viva enganado,
Que êste meu viver, lembrado
dos Astros, com que brinquei,
que são meus, porque os toquei,
é como um vinho azedado
que bebo e logo vomito.

(Meus lábios sabem de cór
o travo que, só, aceitam.
dos vinhos do Infinito...)

Ai vem meu Senhor!, ou dá-me
notícias de Ti, distante!
Acaba com os meus gritos
e pragas e o mais que faço,
desde os vícios renascidos
até ao meu, sujo e triste
(por dolorosa vaidade
que afinal me consentiste),
macaquear atitudes
d'O que já fui, sendo Tu.

Vem acudir ao imerso
no Desânimo e na lama
dum sonho que apodreceu...

E que a Esperança de novo
me surja, a meio de um verso,
nem que eu não fique sabendo
se o fizeste Tu ou eu...

TEIMOSIA

Não sei renunciar. Literatura
quanto mostrei, Senhor!, de sacrifício.
Minha ânsia de Luz é já um vício,
mania velha o meu sonhar Altura.

Tudo comédia vil, tudo impostura...
Falei em desistir, por artifício;
foi pra Te comover, pôr-Te propício
minha humildade cheia de bravura.

Eu — não mais reclamar minha Alegria?...
Nem mesmo assim perdido pela estrada,
que sou grande ou pequeno em demasia,

Renuncia-me Tu, Deus!, se Te apraz.
Deixa de ser a fome que me faz
pedir, teimoso, a bússola roubada.

A cada verso nasço...
É cada verso o meu primeiro grito
à Vida...

Depois,
se caminho apalpando e aos tombos, e se, aflito,
não atino e me perco até de mim
— é que os raios do Sol cegaram, despiçados,
meus olhos mal abertos, costumados
à escuridão do ventre de onde vim.

ITINERÁRIO

Meu caminho é por mim fora,
té chegar ao fim de mim
a encontrar-me com Deus...

Mas lá no fim
eu vou sentir-me tão outro,
tão igual
ao Senhor Deus que ali mora,
que hei-de ficar convencido
de que afinal
só Tu, Senhor!, lá estás
e que eu fiquei para trás,
de cansado ou de perdido
no meu caminho comprido.

É só por mim é que eu vou
e as bermas do meu caminho
são as passadas que dou.

E não me digam que não,
que eu não me importo de ir só ;
minha Esperança, na minha
voz comovida espelhada,
sabe encher a solidão
das curvas mudas da estrada.

DIÁRIO DE BORDO

Cá estou eu a julgar que vou remando...

Cá vai Deus a remar
e eu a ser um remo com que Deus
rasga caminhos pelo Mar...

CORTINA

Que a Morte, quando vier,
não venha matar um morto,
Quero morrer em pujança.
Quero que todos lamentem
a ceifa de uma esperança

— não sendo eu já bem de mim
nem do meu sonho também,
mas sendo um sonho já dêles;
já tão dêles que hão-de crer
que o levantaram; tão seu
que, ao secar, lhes vai doer
e vai deixar
pedaços vivos nas mãos
(cristais quebrados rasgando-as),
saudades vivas no olhar,

Quero morrer com os dedos
a quatro dedos do Céu,
pra que depois pensem que eu

só por morrer não cheguei ;
só não cheguei por traição
(pra que não saibam que a Morte
foi a minha salvação).

Ai mêdo antigo que eu tenho
e só a mim, que o entendo,
posso contar à vontade,
não de o Céu não ser verdade
(meu sonho astral é tão grande
que, nem que fôsse vazio,
meu sonho havia de encher
de Céu
êsse vazio sem fundo),
mas de se as asas partirem
antes de o pano descido,
à vista de todo o mundo.

Como há-de ser bom, morrer
suspenso lá nas Alturas !...
Não vir cair na calçada,
de cabeça esmigalhada,
com lama, em sangue lavada,
nas mãos torcidas mas puras !...

Como há-de ser bom, não ser
preciso o Anjo descer
a êste mundo
pra me levar a meu fim !...

— Sem Se Deus bulir do Trono,
estende-me a Sua Mão
e ao pé d'Ele logo estou :
que fica logo transposta
aquela mão de Infinito
que me faltou ;
que me faltou, mas baldou
o mêdo antigo que eu grito.

Por isso, que a Morte seja
a fôrça
que me não deixe cair
e se confunda
na mesma que me subiu.
Que eu morra em Glória prós meus
pobres Irmãos, enlevados
em barata pasmaceira.
Que, quanto à Glória que eu quero
— minha Glória verdadeira,
isso é comigo e com Deus...

...e com Alguém
que é bem de mim, como eu Seu,
e vive pra me encontrar,
porque os caminhos são tais
— pronde vem e pronde vou —
que, mesmo assim desiguais,
hã-de ter um certo sítio
em que não passem de um só.

PEQUENO POEMA

Quando eu nasci,
ficou tudo como estava.

Nem homens cortaram veias,
nem o Sol escureceu,
nem houve Estrélas a mais...
Sòmente,
esquecida das dôres,
a minha Mãi sorriu e agradeceu.

Quando eu nasci,
não houve nada de novo
senão eu.

As núvens não se espantaram,
não enlouqueceu ninguém...

Pra que o dia fósse enorme,
bastava
tôda a ternura que olhava
nos olhos de minha Mãi...

EXCESSO

Agora, que eu estou
de Poesia todo embriagado,
agora, que ando doido e em convulsões
como se envenenado,
não quero mais que o teu sono...

Compreendes, Amor?...
Quero deitar-me a teu lado,
e que o meu corpo fique ali como um penedo,
e que a minh'alma se me ausente e, unida à tua,
não sendo já senão a tua,
durma teu sono de pomba,
o teu sono de pomba, côr de rosa,
e não os meus pesadelos..

Compreendes, Amor?...
Dormir, não meus, mas teus soninhos mansos
em que há meiguices de fadas
e sorrisos de criança
que são como se Deus nos perdoasse...

Porque eu não posso, Amor,
suportar
o veneno que Deus (ou o Diabo)
misturou no meu vinho, . . .

Que bom
que me seria agora ser
não eu, o Lua, o pelo Raio atravessado,
mas tu, ou qualquer outra virgem no seu quarto
sonhando com o Príncipe Encantado! . . .

A MEUS IRMÃOS

Batam-me à porta
os que andam lá por fora, à neve ;
batam
os que tiverem frio ou sede ;
os que sintam saudades de um carinho ;
os desprezados ;
os que há muito não veem uma flôr
e encontram só poeira no caminho ;
os que não amam já nem já os ama
ninguém ;
os esquecidos de como se sorri ;
os que não têm Mãi. . .

Batam-me à porta os Desgraçados
os que têm os dedos calejados
dos dedos ásperos da Miséria,
os que travam desordens nas tavernas
e brincam às facadas,
os que não têm abrigo nem Amigo,
os que o Destino escarrrou,

os que não foram crianças,
os que nasceram num bordel
e por quem passam todos sem olhar.

Batei à minha porta, Irmãos,
entrai,
que eu tenho Amor pra vos dar...

E se eu também bater
(que eu também choro
muitas vezes, lá por fora ;
também amargo tristezas ;
que eu também sou Desgraçado)...
pois se eu bater,
vinde logo depressa abrir-me a porta ;
aquecei-me no meu lume ;
dai-me do pão que eu parti
e do Amor que vos dei...

Deixai-me estar entre vós
como se fôsse um de vós,
que eu também sou Desgraçado...

Ah! se eu bater
(mas é preciso que eu possa
ter fôrça ainda nas mãos),
por Deus abri a porta, meus Irmãos,
como se a casa fôra vossa!...

CREPUSCULAR

Aqui onde estou só, não estou só.
— Estão comigo todos os que eu amo
e não sabem nem podem
viver em si a sua vida ;
estão em mim, os meus, e é com minh'alma,
por todos irmãmente repartida,
que conseguem viver a sua vida.
E eu vivo agora mais, que os vivo a todos.
E eles todos deixaram
de apenas existir...
Ah mistério inefável!...
— São seus lamentos meus ou alegrias.
Todo vibro de Amor. Abraço e beijo.
Sou a fogueira rubra a que se aquecem
aqueles que eu amei só porque os vi.
Sou noite de Natal.
Sou as lembranças dos velhos ;
os sonhos das raparigas ;
os olhos encântados do menino
que se parece comigo

quando eu era pequenino,
e também se debruça na fogueira,
Sou a tristeza de alguns
e o seu confôrto,
E sou eu
que dei sentido à sua vida e à minha ;
o que fugiu do povoado
e no êrmo da Serra se isolou

(ai a dôr de ver todos sem viver !
ai a dôr de ver todos
sem reparar no seu Amor mendigo !
ai simulacros de almas que o levaram
a retirar-se consigo,
desgostado,
lá no deserto monte
aonde, perdoando, os invocou !)



Até aonde estou
vieram,
pelos caminhos longos da minh'alma,
os que me não quiseram
e me fizeram
fugir.
E logo tudo se passou
como se eu estivesse lá com eles
e não aqui no êrmo,
só.

PARA QUE TU NÃO CHORES

O príncipe gentil que vislumbraste
nos teus sonhos rosados de Menina,
o de gestos-perfumes, cristalina
voz que te mate a sede e nunca baste

(porque a sede que tinhas prolongaste
para sempre beber a voz divina),
o príncipe gentil da tua sina
sou eu, Amor, tu própria mo chamaste.

Mas se eu não fôr tão belo como creste?
Se esfacelar teu sonho, porque eu ando
longe de ser o Puro a quem te deste?

— Vamos lá procurar o que não veio
(eu bem sei que éle veio) e, quando em quando,
deixa que eu chore à sombra do teu seio.

DO MEU AMOR

Chamem por mim
(se não chamarem também vou),
chamem por mim
os leitos sêcos de rios,
que êste rio que sou
irá correr por êles...

Ai florinhas da margem, quási murchas!
Ai rebanhos que morrem pelas margens!
— Eu correrei, mansinho como a Tarde...
Heis-de parir ainda, ovelhas brancas!
Heis-de ainda dar mel, florinhas tristes!

Menina feia, com pena
de se chegar à janela
(pena de si, que já sabe
que não vão olhar pra ela)
anda, vem-te mirar no rio que passa!
Um instante que seja, terás graça;

serás feliz
se depois a saudade te lembrar
que ao menos por um dia foste bela.

Como um lago entornado, azul e brando, irei
onde bôca ou raiz me grite sêde.
Já não posso conter esta corrente calma :
trago nos meus sentidos almas vagas
de andorinhas,
que meigamente estrebucharam nêles
e morreram
e pedem que as liberte. . .

Por isso vou, mas vou sem fúrias caudalosas.
Vou, como a Tarde cai ou como o lago se entorna ;
como o vôo subtil duma gaivota
que não fica onde esvoaça
mas põe o ar mais fino e mais macio

— a ver se deixo nas coisas,
não o respeito tímido e distante
que se tem p'los que fôram muito grandes,
mas uma espécie de saudade
igual àquela que nos vem
por uma Irmã pequena que morreu,
ou pela Mãe que não se conheceu
e de quem tudo, tudo (e até a sua falta)
fala. . .

ELEGIA DESTA MANHÃ

Eu sei de virgens
que só por mim fôram virgens
e que morreram assim ;
eu sei de rosas viçosas
que viram seu viço inútil,
porque esperaram por mim
sem que eu as fôsse colher ;
sei de caminhos
aonde a erva nasceu,
nos sítios em que deviam
deixar seu rasto meus passos
(e os caminhos eram claros
como rios...);
sei de palácios
onde o lume se apagou,
e o musgo cresceu nos muros,
e aonde as almas das salas,
que ansiavam minha vinda
como princesas,
emurcheçeram em pó...

Não posso ser feliz!...
Não posso ser feliz!...
Mais nítida
que qualquer minha alegria,
há-de ser sempre a dôr
de me lembrar
de as coisas que fôram minhas
e fôram lindas
e nunca as viram meus olhos ;
a dôr
que é afinal essa mesma
que sentia cada uma,
quando esperava por mim
já sem esperança nenhuma.

Não posso ser feliz!...
Não posso, porque não sei
de que serviu a beleza,
pra onde foi a beleza
das coisas que já não são
e morreram da tristeza
de serem belas em vão...

AS ROSAS

As rosas não nasceram...
As rosas que eu pedi,
cansado
de olhar a mesma côr.

Existentes em si,
as rosas não nasceram...
Previram
que o acto de nascer
se confundia nesse
de as eu logo colher.

As rosas não nasceram...
Temeram
murchar nas minhas mãos,
só por serem nascidas.

Ai rosas existentes,
ai rosas cautelosas,

mas rosas ignorantes!...
— Como elas morreriam,
ai!, se soubessem, rosas,
que nunca murchariam
em minhas mãos!...

Ai! rosas,

não haverá quem possa
fazer-vos entender
que a minha vida é
a própria vida vossa?...

Surgi, surgi, sem medo,
que o meu olhar se cansa
de olhar o mesmo verde!...

Meus dedos são saudades
de pétalas futuras...

Ai rosas, que existis
ocultas em vós mesmas,
nascei, que eu quero ser
vosso perfume unindo
as núvens com a Serra.

— Eu quero esquecer
(vivendo-me perfume)
que tenho as mãos de terra.

CANÇÃO

Minha Alegria vive.
Qual rubra flôr ao Sol,
abre-se tôda, pura.
Não sei lá em que ponto
do Tempo e do Espaço,
imaculada, inteira,

...mas longe do meu braço.

E tempo foi em que eu
passei por onde vive.
Como ela me sorria,
feliz, e me beijava!
Por quê me não detive?
Por que é que eu abalei
de onde a minha Alegria
comigo se casava?
Se a hora não fugia,
porque é de sempre, e o sítio
também, onde ela estava,

por que é que eu lhes fugi
como se a minha vida
não fôsse procurá-los ?

Longe, lá não sei onde
no Tempo e no Espaço,
minha Alegria paira.
Etérea paira, linda. . .
E eu encolho-me, triste,
no fundo da cadeira,
Não sei se chore ou não.
— Que, se eu parasse então
quando passei por ela
e todo me entregasse,
ainda viveria,
mas, ai!, já não seria
tão pura e tão inteira,
talvez, minha Alegria.

ELEGIA BREVE

Ai a beleza das rosas!...

Por que não morro antes delas
quando passo no jardim
e, enquanto as olho, se fanam
sem terem pena de mim?

SONETO DO TEMPO PERDIDO

Passo às vezes os dias distraído
de mim ; vou ao café, vou conversar,
e não paro um segundo a escutar
o que terá cá dentro acontecido.

Vivo a vida dos outros, esquecido
de que o meu Fado é mais do que *passar* :
ah ! bem sei eu que vim para contar
a minha alma plena de sentido !

Muito me dói o que fugi então ! . . .
— Pra mim próprio me pus costas-voltadas,
e, tudo que em mim foi, foi tudo em vão.

Quanta coisa foi quási pequenina
(e surgira pra ser das celebradas),
só por eu ter burlado a minha Sina !

CONVITE A SER-SE MOÇO

NÃO!

— que há-de vir nova sorte ;
que estou na casa dos vinte,
a minha Noiva é moça e confiante,
e tôdas as manhãs
surgem de cada tronco mais rebentos
que o Sol baptiza.

NÃO! AINDA NÃO! Reprime,
Jóvem, essa grande vontade de chorar,
não vá julgar-te a Vida algum estranho
por quem passe indiferente e distraída.
Como há-de agasalhar-te,
como há-de, Jóvem,
se te não reconhece por seu filho?...

AINDA NÃO!

Agora, esquece

o que tu crês motivo pra chorar

(seja tristeza, Jóvem, ou saudade),

reprime o choro e merece

a tua mocidade...

MINUTO

Ai como tu foste linda
naquele breve minuto!...
Ninguém o viu, senão eu...
Nem mesmo tu, que hás-de ainda,
com um sorriso, troçar
do que digo nestes versos.

Bem sei que tu és bonita...
Mas olha ;
se eu algum dia passar,
sem dizer adeus, por ti,
não julgues que foi por mal :
é que não te conheci.
— Pra mim só é verdadeira,
só me lembra sempre, a linda
que foste
naquele minuto breve...

P O E S I A

Ai deixa, deixa lá que a Poesia
no perfume das flores, no quebrar
das ondas pela praia,
na alegria
das crianças que riem sem por-quê
— deixa-a lá que se exprima, a Poesia.

Fica sentado aí aonde estás, Poeta,
e não mexas os lábios nem os braços:
deixa-a viver em si;
não tentes segurá-la nos teus braços,
não pretendas vesti-la com palavras...

Se a queres ter,
se a queres sempre ver pairando à flor das coisas, fica aí
no teu cantinho, e nem respires, Poeta, e não te bulas,
pra que ela não dê por ti.

Não a faças fugir, tôda assustada
com a tua presença...

Deixa-a, nua, pairando à flor das coisas,
que ela não sabe que a viste,
nem sabe que está nua,
nem sequer sabe que existe...

Quem me quiser amar,
que me leve
fechado no meu mistério...

Me leve
como um presente imerecido,
vindo não sabe de aonde
—sempre com medo que lhe fuja
da caixinha côr da bruma
em que se esconde.

Quem me quiser amar,
me leve, sem se importar
de perguntar o que eu valho.
—Já lhe basta essa alegria
de saber que me possuí,
de saber que eu valho mais
que quanto puder pensar.

ALEGRIA

Nas capelas tôdas,
os sinos todos
toquem...

Que digam minha Alegria.
(Eu não preciso dizê-la :
ai ! a mim, sinos,
basta-me vivê-la.)

Os sinos todos
toquem...
E rosas silvestres nasçam
onde ninguém as sonhasse...
E o rouxinol se esqueça,
cantando minha Alegria,
do que o levou a cantar...
E os sinos todos
toquem...

E que eu por fim,
ao som dos sinos,
cante,

mas não perceba que o faço
mandado
por minha clara Alegria,
Que julgue que vou cantando
as rosas bravas nascidas
e os rouxinóis enlevados
e os sinos todos tocando...

CLARIDADE

De minha vida não sei
senão que sou feliz.
Lá o que fui ou fiz
antes de ser o que sou,
ai!, tudo me passou:
só sei que sou feliz.

E que me importa a côr
das águas que passaram?
Estas águas me bastam
que vão correndo agora.
Fôsse o que fôsse, a minha
passada vida incerta
(feliz ou desgraçada),
foi uma porta aberta
pra esta vida clara,
Por isso eu a bendigo,
a minha vida ida.

Talvez as rosas nela
tivessem bem mais côr,
o Sol mais Luz e Amor,
e música mais bela
a viração, então ;
mais verde fôsse o Mar...

— Mas que vale o que foi,
se, quanto vejo ou provo,
tem tudo um gôsto novo ?...
Se nada cansa ou dói ?...
Se as rosas, para mim,
nasceram mesmo agora,
e as aves e o Mar ?...
Se o Sol aconteceu
ao mesmo tempo que eu
olhei à minha roda
e vi o meu presente
a ser-me a vida tôda ?...

ÍNDICE

	Pág.
<i>A corda tensa que eu sou</i>	11
SERRA-MÃI	13
Harpa	15
Versos ao Mar.	17
Serra-Mãí	19
Vida	22
Céu	26
Oração da Tarde	28
Elegia para a minha campá	29
Versos para eu dizer de joelhos	31
APONTAMENTOS	35
Versos da Menina morta	37
Pasmo	39
Romântico	40
As serpentes	41
«Avé, Manhã...»	42
<i>O Sol já se escondeu...</i>	43
Poema da minha Esperança	44
Nevoeiro	45
A fonte sêca	46
Astromania	47
Apontamento	48
JESUS	49
Ressurreição	51
Em que se fala do Menino Jesus	53
A um crucifixo	54
Oração de tôdas as horas	56
PRESENÇA	57
Presença	59
Nós	60
Aceitação	63
Eternidade.	64
Brincadeira	66
O Messias	67

	Pág.
O Impostor.	68
Divertimento	69
Remoínho	70
Inquietação	71
A gente os dois	72
Perfeição	73
Vontade	75
Caminho	77
Versos quási tristes	78
Rebentação	80
Teimosia	85
<i>A cada verso nasço...</i>	86
Itinerário	87
Diário de bordo	89
Cortina	90
POEMAS DE AMOR	93
Pequeno poema	95
Excesso.	96
A meus Irmãos	98
Crepuscular	100
Para que tu não chores.	102
Do meu Amor.	103
ÚLTIMO LIVRO.	105
Elegia desta manhã.	107
As rosas	109
Canção	111
Elegia breve	113
Soneto do tempo perdido	114
Convite a ser-se moço	115
Minuto	117
Poesia	118
<i>Quem me quiser amar.</i>	120
Alegria	121
Claridade	123

Composto na IMPRENSA ARTÍSTICA, LDA.
— Rua do Diário de Notícias, 113 - 117 —
Telefone 28761 L I S B O A
1.000 ex. Dezembro de 1945



C A P A D E L I N O A N T Ó N I O